

Marinheiros, a instituição e a sociedade:

um estudo sobre as sociabilidades militares na Agência Fluvial de Imperatriz

Carlos Eduardo de Brito Silva¹

Jesus Marmanillo Pereira²

Resumo: Este artigo tem o objetivo principal de compreender os militares da Marinha do Brasil e suas socializações. Para que houvesse uma compreensão mais objetiva do processo foi necessário um contato com os militares da Agência Fluvial de Imperatriz, localizada na cidade de Imperatriz-MA, no qual foi considerado o ambiente das Escolas de Aprendizes Marinheiros, órgão de formação onde o indivíduo ingressa na Marinha, e local que deu origem ao pensamento que são reforçados cotidianamente nos militares na AGIMPE e em ambientes externos ao quartel. Para resolver algumas questões do senso-comum de que os militares possuem uma formação diferenciada do quartel, foi possível perceber, a partir de observações diretas, que o indivíduo ao tornar-se um militar reproduz um tipo de comportamento alinhado ao dos quartéis, mesmo quando este não encontra-se fardado. As contribuições de autores das ciências sociais nos ajudaram no processo de compreensão, tais como os conceitos de instituição total de Goffman e sociabilidades de Simmel em que os autores abordam características de ambientes fechados e as interações do indivíduo enquanto sociedade respectivamente.

Palavras chave: Instituições militares, Marinha, instituição total e sociabilidades

Abstract: This article has the main objective of understanding the military of the Brazilian Navy and its socializations. In order to have a more objective understanding of the process, it was necessary to contact the military of the Imperatriz Fluvial Agency, located in the city of Imperatriz-MA, in which the environment of the Schools of Marines Apprentices, a training institution where the individual joins the Navy, and place that gave origin to the thought that are reinforced daily in the military in AGIMPE and outside the barracks. To solve some common-sense questions that the military has a differentiated formation of the barracks, it was possible to perceive, from direct observations, that the individual when becoming a military reproduces a type of behavior aligned to that of the barracks, even when he is not in uniform. The contributions of social science writers have helped us in the process of understanding, such as Goffman's total institution concepts and Simmel's sociabilities in which the authors address characteristics of closed environments and the interactions of the individual as a society respectively.

Key words: Military institutions, Navy, total institution and sociabilities

1. Introdução

Um primeiro fator a ser apresentado é de que as Forças Armadas são constituídas pela Marinha, Exército e Aeronáutica, e os indivíduos que fazem parte dessas Forças são denominados militares. Existe um comportamento diferenciado nos quartéis que muitas das vezes extrapolam o interior das instituições militares, os hábitos militares adquiridos nessas instituições são reproduzidos até mesmo quando estes estão fora do seu local de trabalho. Portanto, o objetivo deste artigo é o de compreender o comportamento dos militares da Marinha do Brasil e seus processos de interação existentes no interior do ambiente militar do qual

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

² Professor doutor do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

convivem e, além disso, como se dá o reflexo da socialização no mundo militar e no mundo civil. Para tanto temos como recorte de pesquisa a Agência Fluvial de Imperatriz, local onde foram realizadas as observações diretas ao longo de 4 anos e 9 meses.

Pode-se dizer que a motivação sobre a compreensão dos ambientes militares, surgiu a partir do momento em que percebeu uma precária produção científica de estudiosos das ciências sociais sobre as organizações militares, pois geralmente o que ocorre é a redução dessas pesquisas ao âmbito político, por ocasião da intervenção militar em 1964 (MOREIRA, 2011). Com relação à Marinha, esse pensamento é reforçado por Árias (2009, p.1), “Não há um texto sobre a Marinha do Brasil. É fato que este silêncio é significativo e deve-se refletir sobre ele”. Para investigar a referida organização, nos valem os aportes teórico-metodológicos de autores como Erving Goffman (1974), inicialmente o conceito de Instituição Total, e sociabilidades de Georg Simmel (1983), a medida que o sociólogo estuda a sociedade a partir de diversos momentos de interação e dos processos sociais em geral.

O conceito de instituição total nos faz ter uma ideia do que representa a vida das instituições militares, sobretudo porque os militares da Marinha um dia passaram pelo processo de internato, as Escolas de Aprendizes Marinheiros por ocasião do ingresso na instituição, ambiente muito similar ao da instituição total uma vez que o termo de Goffman trata de ambientes fechados, que reúnem atividades que normalmente na sociedade são separadas como dormir, estudar e trabalhar. E os militares da Agência Fluvial de Imperatriz (AGIMPE-ITZ), nosso objeto estudado, conseqüentemente reproduzem a educação que tiveram no interior das Escolas de Aprendizes.

A contribuição de Simmel vem a partir da ideia do estudo sobre a sociedade e suas interações. As instituições militares são locais de interações onde o indivíduo ingressa a partir de certos interesses que os farão compor grupos e conseqüentemente esses grupos passarão a representar aquele pensamento de instituição e levará consigo os ensinamentos que foram arraigados por ocasião das formações que tiveram quando ingressaram na Marinha. Essa vontade pessoal de fazer parte de algum grupo, por variados impulsos e necessidades, ganham formatos quando interagem e formam uma unidade, unidade essa que passará a demonstrar uma certa representatividade da instituição para fora dos ambientes militares, todo esse processo social é conceituado Simmel como conteúdos, formas e autonomização respectivamente conceitos utilizados pelo autor para caracterizar o processo de sociabilidades. Portanto, acredita-se que os autores citados poderão contribuir para uma compreensão menos distante de quem “vive” a instituição militar.

Tais autores orientaram o trabalho de campo para a realização de entrevistas com os militares da AGIMPE, uma vez que estes passaram pelo processo de formação nas Escolas de Aprendizes-Marinheiros e seus pensamentos são característicos de suas formações militares. A entrevista e a observação direta foi importante ferramenta metodológica para que houvesse uma compreensão dos militares enquanto estavam trabalhando e também em momentos de lazer, ou seja quando não estavam fardados. Sobre essa Agência militar, é importante explicar que se trata de um órgão da Marinha do Brasil, localizado na cidade de Imperatriz - MA, que tem como atividade principal a de inspeções navais nos rios Tocantins e Araguaia das cidades que fazem parte de sua jurisdição. Os militares, além de exercerem fiscalizações dos rios e das embarcações, possuem inúmeras atividades que lidam diretamente com o público no seu dia a dia, um exemplo disso é o de formação de Aquaviários, em que os militares instruem e formam novos marinheiros para conduzirem embarcações nos rios e lagos. E essa relação pressupõe um tipo de interação com o público externo.

Os militares, além de interagirem entre eles mesmos, tanto dentro quanto fora do ambiente militar, possuem vínculos que não são militares, e essa relação comprova que a Marinha do Brasil possui diversos tipos de interações existentes. Para tanto, levando-se em consideração que o senso-comum considera que os militares compartilham do mesmo pensamento e que as instituições militares possuem um fechamento capaz de separar totalmente o militar do mundo civil, nosso objetivo é compreender esses processos a fim de tentar esclarecer essas proposições nas organizações militares.

Para atingir tais objetivos, o presente artigo foi organizado em 2 partes, a primeira, será explanado o ambiente militar naval a partir do ingresso dos militares nas Escolas de Aprendizes Marinheiros pois os militares da Agência Fluvial de Imperatriz, ingressaram nessas escolas quando entraram para a Marinha, é fundamental conhecer esse processo para que se compreenda como é reforçado e reproduzido o comportamento dos militares da AGIMPE. A Segunda parte será feita uma relação dos conceitos de Simmel aos comportamentos dos militares, tanto dentro quanto fora do quartel, acredita-se que essa organização ajudará a compreender o processo militar.

2. O ambiente militar naval – hierarquia e disciplina

O ponto de partida para a compreensão das instituições militares são as noções de hierarquia e a disciplina, comuns às instituições militares. Na Marinha do Brasil não é diferente, pois os militares pautam-se por essas duas normas constitucionais, que eles chamam de pilares da instituição. A hierarquia é o que faz do militar diferenciar-se do outro numa posição de mando e obediência e a disciplina é a garantia de que essa hierarquia será respeitada para que haja o bom funcionamento da instituição.

Para compreender melhor o processo de hierarquia e disciplina, farei uma breve observação direta do período que ingressei na Marinha, o acesso à Escola de Aprendizes-Marinheiros em Pernambuco, foi um período que passei por um ano até que me formasse marinheiro. Esse é o período que a instituição ensina que sempre haverá alguém acima de você e que esse pensamento deverá ser respeitado em toda sua vida militar, como uma fixação que é realizada na cabeça dos alunos. O indivíduo acredita que aquela educação o fará diferente dos outros tipos de educação que aprendera no mundo civil. Os próprios instrutores das Escolas de formação fazem os alunos acreditarem que aquela educação é superior à daquela recebida no mundo civil, pois toda hora isso é repetido, e se o objetivo é ser um militar, logicamente que se essa opinião partir de um militar instrutor surtirá um efeito muito forte nos alunos.

Então, pode-se dizer que, quando o indivíduo ingressa nas Escolas de Aprendizes-Marinheiros, o método utilizado pelos oficiais e sargentos instrutores é o da Ordem Unida, que consiste em fazer com que o aluno aprenda a se portar como militar significando que terá de realizar inúmeros movimentos de marcha, esquerda volver, direita volver, ficar em pé durante horas em formaturas ao dia e a noite, cortar o cabelo bem baixo, o que significa raspá-lo, fazer a barba, andar com o uniforme passado e alinhado, e outros que caracterizam o comportamento militar, ou seja, ser um aluno e militar disciplinado.

Além destes métodos de ensino, em sala de aula aprende-se que a hierarquia e disciplina, são valores constitucionais previstos no Estatuto dos Militares, documento que foi criado pela Lei nº 6.880 de 1980, pelo então Presidente da República, João Figueiredo. De acordo com o artigo Art. 2º da lei, “As Forças Armadas (...) são instituições nacionais, permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e disciplina”. Através desta lei os militares são ensinados a respeitar esses valores em qualquer ambiente militar que frequentar durante sua vida profissional e também fora dos quartéis.

Outro documento que a todo momento é citado pelos instrutores, é o RDM pois este é o de maior medo dos alunos, pois regula o comportamento dos militares da Marinha no que se refere às punições, o documento possui, em seu sétimo artigo, oitenta e quatro itens que classificam as contravenções disciplinares, mas também orienta quem se sente injustiçado, no entanto geralmente nas Escolas é difícil um aluno confrontar as ordens dos instrutores, pois estes são vistos como um deus da instituição e o que eles disserem é o certo.

De acordo com o Regulamento Disciplinar da Marinha – RDM, Art.1º, O Regulamento Disciplinar para a Marinha tem por propósito, a especificação e a classificação das contravenções disciplinares e o estabelecimento das normas relativas à amplitude e à aplicação das penas disciplinares, à classificação do comportamento militar e à interposição de recursos contra as penas disciplinares.” (RDM, p.1).

Os militares possuem uma formação mais rigorosa pois são pautados por essas circunstâncias – a hierarquia e disciplina, não que essas características não existam em outras instituições civis, pois a hierarquia é uma característica da sociedade moderna conforme demonstra Weber (1967), O princípio da autoridade hierárquica de cargo encontra-se em todas as organizações burocráticas: no Estado e nas organizações eclesiais, bem como nas grandes organizações partidárias e empresas privadas. Não importa, para o caráter da burocracia, que sua autoridade seja chamada “privada” ou “pública”. (p. 230).

Diante do exposto, é fundamental dizer que as relações no quartel, pressupõem ambientes fechados em círculos diferenciados, que agrupam os militares de acordo com seus postos e graduações, seja ele oficial, seja ele praça. O oficial é o investido para as funções de mando e de direção, e os praças são responsáveis pela execução das tarefas que são atribuídas pelos oficiais, no entanto, entre os oficiais há os que mandam e obedecem assim como entre os praças. Considera-se, como exemplo, um segundo sargento que é o responsável pela tarefa, porém quem as executa são seus subordinados, os terceiros-sargentos, cabos e marinheiros.

De acordo com o Estatuto dos Militares,

Posto é grau hierárquico dos oficiais conferido por ato do presidente da República ou do ministro da Força Singular e confirmado em Carta Patente¹. Graduação é o grau hierárquico da Praça, conferido pela autoridade militar competente. (Lei nº 6.880-80).

Esses círculos são agrupamentos que causam um sentimento de espírito de camaradagem em ambientes de boa convivência. Conforme o Art. 15 da Lei nº 6.880-1980, “Círculos hierárquicos são âmbitos de convivência entre os militares da mesma categoria e têm a finalidade de desenvolver o espírito de camaradagem, em ambiente de estima e confiança, sem prejuízo do respeito mútuo”. (Estatuto dos Militares, 1980).

Os círculos hierárquicos, nada mais são que uma diferenciação feita a partir do posto ou graduação, na hierarquia, que o militar ocupa na Marinha. Geralmente os suboficiais e sargentos, dependendo da conveniência da instituição militar naval, ocupam lugares diferentes da dos cabos e marinheiros. Esses lugares são os destinados a comer, dormir e se divertir, etc., ou seja, os militares não ocupam os mesmos lugares, procura-se separar os superiores dos seus subordinados, assim como o oficial e o praça. O cabo precisa pedir permissão para frequentar o mesmo recinto destinado aos sargentos, situação característica a de uma instituição total, em que há uma separação entre equipe dirigente e internos, e pode ser utilizado para caracterizar a caserna.

Para Goffman (1974, p. 11) *apud* Silva, “uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (2012, p.13). As instituições militares podem ser comparadas a uma das categorias que Goffman apropria-se para citar um tipo de instituição total, (...) “para realizar mais adequadamente uma tarefa, como quartéis e escolas internas” (...)

No processo do estudo, foi observado que, na Agência Fluvial de Imperatriz, esses ambientes internos, que normalmente separam os círculos militares, são dissolvidos, pois todos convivem num mesmo local, inexistindo essa divisão rigorosa imposta pelos círculos hierárquicos. Isso se deve pelo fato de que a Agência é pequena e de acordo com a conveniência da organização militar, há essa flexibilidade de ocupação dos espaços.

De acordo com Leirner *apud* Moreira (2011), a mistura entre os círculos militares pressupõe uma “promiscuidade hierárquica”, e põe em risco essas relações entre os militares, uma vez que vivem e convivem num mesmo ambiente, e pode comprometer a hierarquia, pois as relações entre eles são estreitadas e conseqüentemente os sentimentos ficam em primeiro lugar em detrimento da razão, isso significaria uma dificuldade em punir um subordinado, de acordo com o regulamento, pois ele encontra-se constantemente em contato um com o outro,

sejam eles a partir de relações próximas no interior do quartel, seja até fora dele, em reuniões, aniversários, churrascos, etc., promovidos pela própria instituição.

O fato acima é comprovado pela fala de um suboficial da AGIMPE, em que o mesmo diz que “essa mistura entre os militares confunde o relacionamento e “quebra” a hierarquia no meio militar da Agência e que, pelo estreitamento dos relacionamentos, fica difícil tomar uma atitude mais séria com relação ao subordinado quando este erra, uma vez que dividem o mesmo ambiente”. (Fala de um suboficial na entrevista). Essa opinião faz parte da de outros militares, pela observação direta, foi possível entender que eles são a todo momento lembrados pelas suas posições na hierarquia, até mesmo nas brincadeiras não é difícil ouvir um militar chamando o outro de “boy”, expressão que significa este está em posição abaixo do outro, e essa situação é encontrada até mesmo entre dois sargentos que são da mesma turma, ou seja entraram no mesmo ano, frequentaram a mesma escola e passaram o mesmo período juntos.

Na AGIMPE a partir de observação dos relacionamentos entre os militares, tem-se a sensação de que, o que normalmente acontece na Marinha, ali dificilmente ocorre, pois como dito acima esses convívios são comuns e os acessos aos militares são muito mais estreitos do que em outras organizações militares, pois um marinheiro-soldado tem livre acesso aos seus superiores e até mesmo ao Capitão, único oficial, que exerce o cargo de comando da Agência Fluvial de Imperatriz, e é o mais antigo presente na cadeia hierárquica da Marinha em Imperatriz.

A Agência Fluvial de Imperatriz é um órgão responsável pela segurança do tráfego aquaviário da Marinha do Brasil, foi criada em 1989 por meio da Portaria Ministerial nº 130. Sua atividade principal é a de orientar e fiscalizar os navegantes que utilizam suas embarcações para variadas atividades nos rios Tocantins e Araguaia, principais rios da região. Para isso, a AGIMPE, por meio de seus militares, está em constante contato com o público civil e uma delas é a realização do Curso de Formação de Aquaviários o CFAQ, cujo processo tem o objetivo de formar novos marinheiros que futuramente navegarão nos rios.

Essa é uma das oportunidades que a Marinha tem de estreitar o contato com a comunidade, seja por ocasião das fiscalizações nos rios, em que os militares da AGIMPE abordam os condutores das embarcações a fim de verificar a parte documental e estrutural das embarcações e dos condutores ou, também, por outro motivo, a partir do concurso de redação Amazônia Azul, concurso realizado nacionalmente pela Marinha cujo objetivo é o de premiar os estudantes de escolas públicas que destacaram-se com a melhor redação e assim são

reconhecidos em cerimônia própria, sendo premiados ao final do concurso. O primeiro lugar nacional tem direito a fazer uma viagem no navio Veleiro Cisne Branco – o único veleiro existente na Marinha do Brasil.

Nessas cerimônias, geralmente são convidados o público externo, entre eles os “Amigos da Marinha”, mais conhecidos como “SOAMARINOS”. Esse grupo são os voluntários da Sociedade Amigos da Marinha a SOAMAR, um outro exemplo, e não menos importante, tipo de interação entre a Marinha do Brasil e a sociedade civil. Esta parceria visa a uma maior aproximação da Marinha com representantes da sociedade a fim de que haja uma parceria entre a instituição e comunidades locais. Os SOAMARINOS são voluntários que auxiliam nesse processo de estreitamento da Marinha com a comunidade. A Marinha do Brasil reconhece a SOAMAR em todo território brasileiro assim como a SOAMAR em Portugal.

3. Conteúdos e formas das sociabilidades da AGIMPE

Acreditando ser a entrevista um método eficaz na investigação do objeto, foram feitas 4 entrevistas com 4 militares, sendo cada um representando cada círculo militar, levando-se em consideração que os círculos são compostos das seguintes formas: um oficial representando o círculo dos oficiais, um primeiro-sargento, que representa o círculo de Suboficiais e Primeiros-sargentos, um segundo-sargento que representa o círculo de segundos e terceiros-sargentos, e um marinheiro que representa o círculo de cabos e marinheiros. Para o restante dos militares foi utilizado o método de observação participante, uma vez que o autor é militar e serve na Agência Fluvial de Imperatriz.

A dificuldade encontrada para obter as informações foi por dois fatores, um, pelo fato de que a maioria dos militares, para não falar todos, não simpatizam com as ciências sociais, uma vez que foi explicado que os dados seriam coletados a fim de compor um artigo como trabalho final para o Curso de Licenciatura em Ciências Humanas. Outro fator é o de participar e trabalhar no local, pois a desnaturalização das coisas é muito mais complexa com quem faz parte do ambiente e a investiga ao mesmo tempo.

Sobre este último fator, considera-se a expressão utilizada por Bacon *apud* Durkheim, “sobre as pré-noções que dificultam na investigação dos fatos”. Como dito acima, fazer parte do problema estudado é como achar que tudo que acontece é normal e quando atinge-se o estágio de investigar a realidade da qual fazemos parte, surge uma dificuldade no pesquisador. É uma dificuldade causada, sobretudo pela repetição das coisas, e isso faz o pesquisador achar

que as coisas são naturais, portanto romper com o senso comum é muito mais difícil da parte de quem já é um co-participante a um pesquisador, que não faz parte do objeto de estudo. De acordo com Durkheim, “Não podemos portanto pensar em pôr em dúvida a existência delas, uma vez que a percebemos ao mesmo tempo que a nossa. Elas não apenas estão em nós, como também, sendo um produto de experiências repetidas, obtêm da repetição – e do hábito resultante – uma espécie de ascendência e de autoridade”. (Durkheim, 2007, p.28).

Para que houvesse um mínimo de distanciamento e objetividade na investigação, foi necessário um grande esforço da parte do autor. Para Velho (1977) Afirma-se ser preciso que o pesquisador, veja com “olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões” (p. 123).

Na AGIMPE o efetivo é de 20 militares sendo que oito foram entrevistados e doze foram observados diretamente sobre seus comportamentos. Dos oito entrevistados, quatro foram escolhidos como representantes dos círculos hierárquicos mencionados anteriormente. O que se buscou analisar nessas entrevistas foram aspectos relacionados com as formas de ingresso do indivíduo na Marinha do Brasil, dentre aspectos de origem do indivíduo antes de entrar na Marinha e as modificações encontradas em seu comportamento após ingressar na instituição.

Observa-se, portanto, um número quase unânime de militares que ingressaram ou procuraram fazer o concurso das Escolas de Aprendizes-Marinheiros, escola de formação de praças da Marinha do Brasil, por motivos de situações financeiras, tais como: estabilidade, melhorar a situação da família, dentre outros, como o de conhecer novos lugares, e até mesmo o desejo de vestir a farda branca da Marinha.

Os dados foram coletados na tentativa de buscar conhecer o que leva o indivíduo a ser um militar da Marinha do Brasil, pois o indivíduo é analisado no processo de interação a partir do momento que o mesmo busca algo para satisfazer suas próprias necessidades.

De acordo com o Hanke:

Esses processos não constituem só a sociedade como realidade inter-humana (Moraes Filho 21), mas também a personalidade do indivíduo, a qual encontra-se entrecruzada por numerosos círculos sociais: nós entramos nessas relações sociais só com uma parte de nossa personalidade e, sendo assim, ficamos parcialmente dentro e parcialmente fora dessas relações, aspecto este que dá início à teoria dos papéis. (p. 2)

Para que houvesse um sigilo quanto às identidades dos militares, foi adotado um codinome para cada um, a fim de que esse sigilo fosse cumprido conforme prometido aos entrevistados. Um dos entrevistados foi o sargento que representou o círculo de suboficiais e primeiros-sargentos. O primeiro-sargento Olavo, antes de entrar na Marinha, estudou em escola

pública, Escola Técnica Amaral Raposo, sua família era de origem católica e ele era membro ativo do grupo jovem carismático filiado à Igreja São Francisco de Assis. Ao ser perguntado sobre o motivo que o levou a ingressar na Marinha, respondeu que foi o de melhorar as condições financeiras da família, pois seu pai era um feirante e sua mãe, era costureira. Eles saíram do Piauí para Imperatriz para fugir da seca, e conseqüentemente a promessa de estabilidade que a profissão militar oferecia ao indivíduo a possibilidade de mudar essa condição familiar.

Foi perguntado, qual a principal mudança que percebeu em sua personalidade após o ingresso na Marinha? Respondeu que após o ingresso na Escola de Aprendizes-Marinheiros, tornou-se uma pessoa mais “dura”, responsável, tipo mais sério, pois tiram de você seus resquícios de infância e impõem outra doutrina. Se comparar uma foto de antes da escola de aprendizes e outra dois anos depois, verá que o semblante é outro, mais duro. De acordo com a fala do sargento, houve uma imposição do sistema militar para que o indivíduo abandonasse os antigos hábitos e costumes da vida civil e o mesmo se adaptasse às regras do jogo militar.

Esse abandono dos antigos costumes e hábitos arraigados pela vida civil, é o que Goffman (1974), denomina de “mortificação do eu” no qual a instituição busca certo controle sobre o indivíduo, ou internado, para que este colabore com as normas da instituição, este aspecto é característico das instituições totais, e aquele indivíduo que está submetido às regras tende a colaborar de forma que haja um controle de toda sua vida quando na condição de internado.

Os indivíduos, ao ingressarem na Escola de Aprendizes-Marinheiros, são submetidos ao período de um ano no regime de internato, sendo que nos primeiros quinze dias há o período de adaptação, quando o indivíduo é a todo momento testado pela instituição para verificar se realmente é aquilo ou não que deseja para sua vida. É importante lembrar que o indivíduo é obrigado, o tempo todo, a se despir dos velhos hábitos para incorporar aos regulamentos do sistema, e assim aos poucos tornar-se um militar, e para ser um é esperado que este seja disciplinado e respeite a hierarquia militar.

No entanto, a liberdade de escolher, se quer ou não permanecer na Escola, é facultado ao indivíduo, fica se quiser, se escolher ficar, terá que aceitar as condições, se não, terá o direito de pedir a “baixa” e ir embora da instituição, o que é considerado como uma condição de fraqueza para aquele que não permanece na instituição.

Outra entrevista foi direcionada ao Segundo-sargento Tony, que também nasceu no município de Imperatriz, prestou o concurso em 1998 quando terminava seu ensino médio no Centro de Ensino Amaral Raposo. Foi perguntado ao militar a origem dos seus pais, o mesmo respondeu que o pai era natural de Pernambuco e a mãe do Ceará, e que moravam no Goiás antes de residirem em Imperatriz do Maranhão. Tony é de família humilde, católica, seus pais são autônomos, trabalhavam com venda de produtos variados tipo bijuterias. Quando perguntado sobre o quê motivou a entrar na Marinha, respondeu que um dos maiores motivos foi a estabilidade financeira ofertada pela instituição. Foi perguntado qual a diferença percebida em sua personalidade após o ingresso na Marinha, o mesmo respondeu que houve uma diminuição da timidez.

A exposição dos militares às entrevistas, levaram a crer que as respostas não destoam uma das outras no que representa às motivações que os levaram ao ingresso na Marinha do Brasil por exemplo. A homogeneidade nas falas dos militares quanto a questão das origens familiares foram praticamente as mesmas, pois são de origem humilde e particularmente, os militares enxergavam a instituição como algo que pudesse transpor essas barreiras financeiras. No entanto as respostas quanto à mudança na personalidade após entrar na Marinha é variada, pois cada um percebe um tipo de mudança no seu comportamento.

No trato desse assunto, considere-se as contribuições de Simmel (1983), os indivíduos possuem necessidades diversas que os levam ao início do processo de socialização, ao procurar satisfazê-las. O que o sociólogo chama de conteúdos, e é esse interesse, motivado pelos instintos e ambições variadas que constituem a base dos agrupamentos. Portanto esse contato inicial sinalizou os primeiros passos dos processos de socialização, ou seja, no reunir, no fazer parte de um grupo para buscar suprir os conteúdos (necessidades). Contudo a observação direta demonstrou um avanço desses processos em direção a determinadas formas de sociabilidade (Simmel,1983), pois, pois além de serem militares, estes constroem vínculos que os reúnem para fora do quartel, aumentando a possibilidade de aproximação iniciado pelos interesses, tanto nas Escolas quanto na AGIMPE.

Segundo a fala de um cabo entrevistado, quando os alunos chegam à escola, os grupos são formados a partir de uma relação com a localidade, essa aproximação se dá a partir do momento em que os candidatos são da mesma cidade e encontram-se no dia da realização da prova do concurso, depois nos testes físicos e exames complementares e assim os mesmos são conduzidos, em um mesmo ônibus, em direção à Escola de Aprendizes e lá os grupos são

formados, conseqüentemente, por candidatos residentes do mesmo Estado de origem, ou seja cada grupo é formado de acordo com seu interesse e aproximações.

Nessa situação encontram-se quatro militares que foram entrevistados, eles prestaram o concurso no mesmo ano, foram para a mesma Escola de Aprendizes Marinheiros em Pernambuco, e lá se conheceram, formaram-se juntos, mas após a formação, cada um foi para uma localidade diferente, pois o critério adotado nas Escolas de Formação da Marinha é o do merecimento, portanto cada um é transferido de acordo com a nota final do curso. Hoje os quatro conseguiram voltar a cidade de origem, Imperatriz - MA, e reúnem-se sempre que podem, interagindo em encontros fora do ambiente militar, incluindo a “família militar” que, correspondem aos seus familiares, em casa, ou em reuniões de festas de aniversário, comemoração, etc.

Durante esse processo de sociabilidade, é possível perceber que os militares são identificados a partir de um codinome, o que eles chamam de “nome de guerra” e cada um possui um lugar na hierarquia, pois mesmos comparados um a um e possuindo o mesmo posto ou graduação, um militar nunca é igual ao outro, pois cada um está posicionado em uma escala hierárquica. Ao frequentar um curso de formação, cada militar, de acordo com sua nota final, possuirá uma colocação que permitirá saber quem é “mais antigo” ou quem é “mais moderno”. Na AGIMPE, cada militar que embarca, é consultado seu nome no SISBOL, um banco de dados dos militares, para verificar qual posição ele ocupa em relação aos outros, se um primeiro-sargento está na iminência de embarcar, é necessário que haja uma consulta ao sistema para saber se é mais antigo ou mais moderno que os primeiros-sargentos que existem na organização militar.

Esse posicionamento faz com que os militares da AGIMPE, deixem claro em suas entrevistas que “ninguém é igual a ninguém”, ou seja, sempre haverá um sobre o outro, sempre um que manda e outro a obedecer.

Essa ideia revela que o indivíduo passa a representar a instituição, mesmo que em graus diferentes, essa é uma prova que o comportamento militar vai moldando o pensamento do indivíduo e ele começa a representar, de fato, o que é ser um militar. Os militares, além de nomes de guerra, são conhecidos por seus postos ou graduações, é muito comum um militar ser chamado de sargento e não pelo próprio nome, pois o que espera-se dele é uma atitude de sargento, ou um pensamento de sargento que condiz com os atribuídos a eles pelas normas e regulamentos, dos quais ele é subordinado e deva obrigatoriamente, obedecer.

O pensamento acima condiz com uma postura de militares que interagem normalmente, ou seja, eram considerados companhas, termo que exprime a condição de amigos ou de colegas na Marinha, tanto dentro quanto fora do quartel, e numa situação de desentendimento, ouve-se o suboficial dizer que aquilo era Marinha, e que ele era um suboficial e o outro, como sargento, deveria respeitá-lo e adotar a posição de “sentido”. A posição de sentido é um dos movimentos que os militares aprendem quando entram na Marinha, normalmente esta posição é adotada quando o militar encontra-se em formatura e o corpo fica em posição ereta, com as mãos espalmadas juntas ao corpo, demonstrando uma posição de respeito aos superiores.

Essa característica dos militares com relação às normas das instituições é considerada por Goffman (1974) como “ajustamentos primários” da organização, quando o indivíduo age cooperativamente com a instituição e colabora com suas regras e normas para que não seja punido. Nesse caso, no parágrafo anterior, o suboficial deixou bem claro que estava “acima” do subordinado e que se talvez ele não obedecesse, estaria sujeito ao enquadramento do artigo do RDM e poderia ser punido porque sabia que ele tinha esse poder na instituição.

De acordo com o posto ou graduação, o militar começa a fazer parte dos círculos hierárquicos a partir do momento que veste uma farda, que são os grupos, a forma, e com ela percebe-se no indivíduo uma mudança e uma representatividade da instituição, tanto dentro quanto fora do quartel, o militar é conhecido por seu posto ou graduação. Esse ponto tem a ver com um outro processo da sociabilidade – o da autonomização, ou seja ganham vida própria. De acordo com Simmel,

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outras situações fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma sociedade. (2006, p. 60).

Simmel (2006) considera o comportamento da instituição quando integrado à vida do indivíduo como o processo de autonomização dos conteúdos, em linhas gerais significa que o indivíduo já não se comporta mais como uma pessoa, ele deixa os hábitos pessoais de lado e abandona seus impulsos, isso significa que o militar passa a viver uma vida institucionalizada pelos Regulamentos que a definem também fora do quartel, segundo o item 34 do sétimo artigo do RDM, é contravenção disciplinar portar-se sem compostura em locais públicos. Isso

significa que a disciplina dentro do quartel atinge também os militares fora do quartel, ou seja quando o militar encontra-se à *paisana*.

Um exemplo disso, uma das perguntas da entrevista foi a situação em que o militar foi perguntado sobre como se comportava quando estava em horário de lazer, fora do seu local de trabalho. Ele respondeu que quando vai à praia, e verifica uma embarcação que está navegando fora dos padrões, ou seja, sem a documentação, sem a utilização do coletes salva-vidas pelos passageiros, não consegue relaxar e fica preocupado com a embarcação que está realizando manobras perto dos banhistas, ele está sem a farda, mas ainda assim seus valores militares são seguidos mesmo em horários de lazer.

Um outro exemplo de outro militar, quando foi feita a mesma pergunta acima, respondeu que estava dirigindo quando um outro carro aproximou-se e deu uma “fechada” no carro dele. Ele fez um sinal para o motorista a fim de mostrar a ele que estava errado, mas ele não ligou pra mim, respondeu ele, “foi quando saí imediatamente do carro, e mostrei a ele quem era, por estar fardado, ele rapidamente desculpou-se por ter realizado uma manobra que quase provocou um acidente”.

A autonomização dos valores da instituição militar no indivíduo também faz o seu papel quando o militar está em casa com seus familiares, pois as gírias utilizadas no ambiente da Marinha são repetidas dentro de casa, ou em outros locais de reuniões com pessoas que não são marinheiros, e conseqüentemente elas são repetidas também pelos civis, colegas de infância, da faculdade, etc.

O sargento Olavo disse na entrevista que os hábitos militares o acompanham até mesmo quando não está dentro do quartel, pois quando está de férias ele faz a barba todos os dias, não gosta de andar com o cabelo grande, procura sempre cortá-lo e além disso acorda cedo mesmo aos finais de semanas quando não está a serviço, hábitos que aprendeu quando estava na Escola de Aprendizes e são reforçados na AGIMPE.

Já outro entrevistado, disse que em casa tem o hábito de reunir a família para poder decidir quando quer ir a algum lugar. O hábito de reunir é um procedimento comum nas instituições militares, os militares reúnem-se toda vez que precisam tratar de algum assunto que seja pertinente.

Conclusões preliminares

Pode-se dizer que os militares possuem uma formação pautada em legislações próprias que são realizadas em ambientes fechados e são reproduzidos em toda sua vida, e no trato dessa formação são estimulados a abandonar os antigos hábitos para adquirir uma nova identidade, a de militar. E para isso é necessário um trabalho de realização de movimentos repetitivos em que os indivíduos são submetidos por ocasião de seu ingresso nas Escola de Aprendizes Marinheiros por exemplo. Diante disso, é comum que os militares reforcem suas características em toda sua vida militar, e nas demais instituições militares das quais fará parte ao longo da vida profissional, como foi visto na AGIMPE, a ponto de esse comportamento ser levado, também, para fora dos quartéis mesmo quando não estão a serviço. Portanto, mesmo que recebendo essa formação própria, em ambientes fechados, há momentos em que os militares possuem um contato com o público externo, através de suas atividades profissionais.

As categorias conceituadas por Simmel ajudaram a compreender as instituições militares no que diz respeito ao ingresso na Marinha do Brasil. O candidato que almeja a ser um militar, é constituído, *a priori*, por impulsos individuais, sejam eles por paixões, necessidades financeiras, vontade de conhecer outros lugares, ou até mesmo o de vestir uma farda. Dentre as hipóteses citadas, verificou-se que o predominante nas entrevistas foi a questão financeira, e a possibilidade de estabilidade que a profissão militar promete.

E esses impulsos levam os indivíduos a fazerem parte de um grupo, no caso, o grupo dos militares, pois eles representam suas fardas a partir de suas atitudes com outros. Os militares passam a constituir uma unidade, à medida que ingressam na carreira, pois a todo momento, fardados ou não, são submetidos às normas e regulamentos da caserna. E esses hábitos construídos a partir da hierarquia e disciplina, conseqüentemente são levados para fora do quartel, dentro de casa, em locais públicos, momentos de lazer, fazem do militar representar a instituição militar Marinha para outros ambientes externos.

Referências bibliográficas

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. 13.ed. São Paulo: Nacional, 1987 (Texto originalmente publicado em 1895).

GOFFMAN, Erving, *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974. (col. Debates Psicologia, v.91).

HANKE, Michael, A noção de sociabilidades: implicações no estudo das comunicações. Belo Horizonte: COMPÓS, Associação nacional dos programas de pós graduação em comunicação.

Lei nº 6.880-1980 – Estatuto dos Militares.

MOREIRA, Nádia Xavier, *Instituições Militares: Uma análise sociológica*. 2011.

RDM - Regulamento Disciplinar para a Marinha

SILVA, Agnaldo. *Praça Velho: socialização, representações e práticas policiais militares* – Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

SIMMEL, Georg, *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade / Georg Simmel; [tradução, Pedro Caldas].* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VELHO, Gilberto. “*Observando o familiar*” In:____. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia: quinta edição*. Ed. JC, 1967.